



CONFIGURAÇÕES DO FEMININO EM *MADAME BOVARY*: MATRIMÔNIO, ADULTÉRIO E OUTRAS PROBLEMÁTICAS

Netanias Mateus de Souza Castro, Lucas da Costa Morais, Vitória Júlia Azevedo Cavalcante

RESUMO

Em um período de predominância de obras românticas e preceitos morais extremamente conservadores, a publicação de *Madame Bovary* em 1856 desencadeou uma série de escândalos, interesses e debates com relação à conduta feminina na sociedade francesa do século XIX. O autor, Gustave Flaubert, na elaboração de uma obra que viria a se firmar como a primeira do Realismo, concebeu uma heroína imortal, cuja vida reflete a infelicidade da mulher no matrimônio e suas poucas oportunidades de ascendência e destaque social de maneira independente. Nesse viés, este artigo busca, por meio da análise de elementos sociais e psicológicos, tecer um estudo elaborado da representação da mulher e dos fatores que deram decorrência às ações acometidas pela personagem Emma Bovary. Considerar-se-á as limitações da atuação de pessoas de acordo com seu gênero, visando as consequências que sobrecarregam o ser feminino no romance. Desse modo, é possível perceber uma personagem de comportamento ávido e instável, em decorrência de sua visão romântica de mundo. Esse modo de ser de Emma Bovary deu origem ao termo “bovarismo patológico”, desenvolvido pelo filósofo Jules de Gaultier e constantemente utilizado na psicanálise de Freud. O estudo fora desenvolvido através da análise teórica da própria obra em conjunto com a pesquisa do contexto histórico-social da época de sua publicação. Tais fatores também foram averiguados a partir da visão de profissionais em áreas de significativa importância na tradução das ações que acometem a vida da personagem Emma Bovary.

PALAVRAS CHAVE: *Madame Bovary*, feminino, Realismo, matrimônio.

FEMALE CONFIGURATIONS IN *MADAME BOVARY*: MATRIMONY, ADULT AND OTHER PROBLEMS

ABSTRACT

In a period of predominance of romantic works and extremely conservative moral precepts, *Madame Bovary*'s publication in 1856 unleashed a series of scandals, interests, and debates regarding female conduct in 19th century French society. The author, Gustave Flaubert, in the elaboration of a work that was to become the first of Realism, conceived an immortal heroine, whose life reflects the unhappiness of women in marriage and their few opportunities for ancestry and social prominence independently. In this bias, this article pursues, as result of the analysis of social and psychological elements, to make an elaborate study of the representation of the woman and the factors that result to the actions undertaken by the character Emma Bovary. It will be considered the limitations of the performance of people according to their gender, aiming at the consequences that overwhelm the female being in the novel. Thus, it is possible to perceive a character of avid and unstable behavior, due to his



romantic vision of the world. This mode of being of Emma Bovary result to the term “pathological bovarism”, developed by the philosopher Jules de Gaultier and constantly used in the psychoanalysis of Freud. The study was developed through the theoretical analysis of this work jointly with the research of the historical-social context of the time when it was published. These factors were also verified from the perspective of professionals in areas of significant importance in the translation of the actions that affect the life of the character Emma Bovary.

KEYWORDS: *Madame Bovary*, female, Realism, marriage.

INTRODUÇÃO

A proposta em si se insere no âmbito sociocultural e psicológico para que, através da obra literária francesa *Madame Bovary*, se faça uma análise das configurações femininas no século XIX. Aspectos como o matrimônio e adultério acabam por ganhar conotações distintas ao que era debatido na época de publicação, quando se realiza um estudo social dos fatores que influenciaram as ações de Emma Bovary, uma anti-heroína imortalizada pela desconstrução de valores intrinsecamente inseridos na sociedade europeia.

Interpretar o contexto que rodeia a obra compreende não só na avaliação das relações sociais conservadoras que compunham a sociedade, como também favorece a identificação dos elementos que desencadearam pensamentos e ideologias revolucionárias. Vale salientar que a presença do realismo possibilita a análise psicológica e comportamentalabalada da protagonista, caracterizada como a representação dos pensamentos do próprio autor e das falhas da sociedade francesa.

A análise a partir da perspectiva feminista viabiliza a observação dos pontos onde a desigualdade de gênero faz-se presente e participa das ações dos personagens. Dessa forma, os atos cometidos pela Sra. Bovary serão estudados através de fatores ligados à sua condição, o que, indiscutivelmente, possibilita uma interpretação do livro mais adequada às visões do século XXI.

1. IMPACTOS DA PUBLICAÇÃO

Dada as características referentes ao contexto em que a sociedade estava imersa no século XIX, não é de causar espanto que uma obra literária que retrata de modo realista os aspectos do mundo burguês causasse tanta agitação. *Madame Bovary*, desde o início de sua existência, está fadada à polêmica e à imortalidade, não apenas pelo tamanho debate moral gerado em torno das ações da protagonista Emma Bovary e a satirizarão em cima da igreja e da burguesia, mas em razão ao seu originalismo e inovação literária.

De modo contrário às tendências românticas de sua época, o autor, Gustave Flaubert (1821-1880), escreve o primeiro livro a trazer uma personagem feminina que ouve e corre atrás dos próprios desejos – papel até então restrito aos homens –, além de tratar situações corriqueiras, mas indiscutíveis nas obras do Romantismo, como a infelicidade da mulher no casamento e o adultério. Nesse viés, redige crítica mordaz à sociedade, à hipocrisia burguesa, submersa em vaidades diversas, mediocridade existencial e falsa moralidade (MORAES, 2009, p. 44), tecendo, portanto, uma narrativa que nada mais era, senão, um próprio reflexo social. Tal afirmação é ainda mais carregada de veracidade quando se sabe que Emma Bovary é delineada a partir de uma história real ocorrida em uma cidade no interior da Normandia.

A publicação, em 1856, veio acompanhada de uma acusação judicial contra o autor pela forma como retratara o adultério, a igreja e a mesocracia ao longo de sua obra, a qual é encarada como uma ofensa à moral e à religiosidade. Não obstante, ao ser questionado sobre quem viria a ser a personagem de seu livro, Flaubert anuncia a célebre “Emma Bovary c’est moi” (Emma Bovary sou eu), o que provocou ainda mais os leitores ávidos do século XIX e os que apreciaram a genialidade de sua obra nos tempos seguintes. Mesmo sendo absorvido no tribunal, o autor não foi perdoado pela esmagadora maioria conservadora da sociedade por longas décadas. Seu caráter crítico e desafiador, inclusive, fez com o que *Madame Bovary* entrasse para o *Index Librorum Prohibitorum*, ou seja, o Índice dos Livros Proibidos elaborado pela Igreja Católica.

Destarte, *Madame Bovary* carrega a ridicularização de fatores morais inquestionáveis na época e formula uma análise dos personagens em sua totalidade, de maneira a expor suas falhas. A fidelidade da obra acerca da verdadeira conduta humana fez com que a mesma



inaugurasse o movimento literário do Realismo, inspirando autores como Eça de Queiroz (1845-1900) em seu ilustríssimo *O primo Basílio* (1878). Todavia, Flaubert, mergulhado em uma personalidade repleta de contradições, diz detestar o Realismo e não fazer parte dele.

Sob uma análise no contexto atual, a protagonista Emma Bovary representa um marco na literatura e na sociedade, pois além de contribuir para a formação do Realismo, também ajudou na propagação de valores libertários, acelerando o processo de emancipação da mulher, como a luta pela igualdade de direitos civis e a ascensão da mulher no mercado de trabalho, valores estes que se tornariam o núcleo do Movimento Feminista na segunda metade do século XX (MICHILES, 2012, p. 3).

2. INFLUÊNCIAS DA EDUCAÇÃO ROMÂNTICA

A escritora e filósofa inglesa Mary Wollstonecraft (1759-1797), em sua crítica acerca do tratamento e direitos ofertados às mulheres no século XVIII, já alertava sobre a inconveniência das leituras românticas:

Ao se deixarem envolver pelo romantismo, as mulheres perdem suas vidas imaginando quão felizes teriam sido com um marido que as amaria com fêrvida e crescente paixão todo o dia, todos os dias de suas vidas. (WOLLSTONECRAFT, 2000, p. 32).

Tratando a realidade de maneira completamente idealista, o Romantismo impregnava na mente das jovens leitoras convicções inviáveis e ilusórias, de modo a fortificar o pensamento de que a realização espiritual das mulheres só seria alcançada através do matrimônio. As obras teciam estereótipos ao feminino e masculino, ditando o comportamento de ambos para que se pudesse auferir o amor – utópico – e a felicidade – quase sempre, inalcançável –, padronizando o que é relativo. À vista disso, os ideais românticos, quando levados à realidade do casamento, constantemente desencadeiam a desastrosa decepção amorosa resultante da não correspondência às expectativas.

Dessa forma, assim como ocorreu com tantas outras jovens da época, as leituras das obras românticas moldaram os pensamentos de Emma, que adquire um desejo de viver uma fantasia e idealiza o matrimônio e o amor com base nesses princípios. Entretanto, seu



desencantamento de mundo veio à tona ao casar-se com o fracassado e medíocre médico Charles Bovary, representando apenas mais um caso em que os sonhos dão lugar à desilusão, à monotonia e ao tédio.

O Sr. Bovary é um homem apático, passivo e limitado, que não compartilhava com a esposa as mesmas preferências, não dava atenção aos seus assuntos de interesse e tampouco correspondia aos heróis dos livros românticos. O infortúnio de Charles despertava em Emma todos os sentimentos contrários àquilo que havia idealizado durante a mocidade. Inviabilizada de sair da situação a qual se encontrava, a Sra. Bovary vivia em uma constante agonia, e seu desespero pela liberdade de viver a vida desejada a faz se arriscar em aventuras muito mais sérias. O adultério fora, portanto, um escape da realidade, uma maneira de tentar se sentir realizada na busca pelo amor e prazer. Enquanto traia e vivia aventuras românticas, sentia-se como as heroínas dos livros que tanto apreciava, e isso a fazia feliz – por certo tempo, pois Emma é uma mulher insaciável. Nesse contexto, por tanto tentar alcançar a vivência de uma história de amor, Emma acaba por ser ingênua e facilmente iludida, fato que pode ser comprovado pela sua relação com Rodolphe.

Desta forma, no desenvolvimento de tal temática, Flaubert explora os efeitos maléficos da leitura de romances românticos na formação do caráter das jovens do século XIX, tecendo críticas a uma educação feminina fragilizada pelo pouco desenvolvimento intelectual (MORAES, 2009, p. 21).

Ademais, a educação que recebeu no convento falseou à Emma sua identidade, educando-a para uma realidade aristocrata que não ia de acordo com as condições financeiras de sua família. No local, Emma aprendeu a se comportar em sociedade como uma mulher de classe alta, aspirando gostos refinados e sofisticados, afim de se preparar para um casamento apropriado às suas ambições de ascensão social.

Com o óbito da sua mãe, Emma retorna para a sua casa e se decepçiona com a vivência campesina, não se agradando das tarefas da casa impostas a ela. A chegada de Charles Bovary representou para a ingênua jovem um resgate de sua vida sem perspectiva de mudanças, vendo-o como um “bravo cavaleiro que iria levá-la ao seu castelo”. Charles, no entanto, certamente não correspondia à tais expectativas – não era um herói, tampouco possuía um castelo.

Por conseguinte, nos sonhos românticos de Emma, o luxo e a riqueza também estavam presentes, e as decepções resultam, em grande parte, de sua insatisfação com o mundo da burguesia francesa. Nesse viés, tem-se uma personagem insaciável, ávida e instável, que mergulha em relações adúlteras e nos luxos da sociedade burguesa para satisfazer-se. O comportamento de Emma pode ser analisado, portanto, como um produto do seu meio, uma expressão das limitações impostas pelo gênero e pela classe social a que pertence (RIPPON, 2002, p. 124).

3. A IMPOTÊNCIA DO GÊNERO

Emma Bovary era consciente das condições impostas ao seu gênero e, como qualquer pessoa sensata, mostrava-se insatisfeita, como pode-se observar em seu pensamento exposto no livro:

Um homem é livre; pode percorrer paixões e países, saltar obstáculos, gozar dos prazeres mais raros. Uma mulher continuamente se depara com empecilhos, tem contra si as fraquezas da carne e as dependências da lei. Há sempre algum desejo a arrastar e uma conveniência a deter. (FLAUBERT, 1966, p. 122).

“Sonhadora, intensa e insaciável”, certamente, não eram características favoráveis a uma mulher submetida às condições do século XIX. A educação do sexo feminino se restringia a atividades úteis ao ambiente doméstico, sendo as meninas criadas, especificamente, para o casamento. Eram desprovidas de valor no mercado de trabalho e sua presença em boas escolas e universidades era considerada inaceitável. Assim, a falta de oportunidades em decorrência das divergências de tratamento e direitos entre homens e mulheres impossibilita Emma Bovary de ter uma vida independente, e obriga-a a casar-se.

Na França, para realizar um bom casamento, uma mulher necessitaria ter um grande dote (uma determinada quantia em dinheiro, terras, rendas ou mesmo um título de nobreza). Emma, no entanto, era uma jovem camponesa filha de um fazendeiro sem boas condições de vida, carregava consigo apenas o desejo de ascender socialmente e viver um grande romance. Encontrava-se, portanto, em uma conjuntura de incapacidade de ter a vida almejada, uma vez que não poderia conquistar seus anseios por mérito próprio e nem por intermédio do matrimônio.



Além disso, considerava-se adequado que a moça já ficasse noiva no primeiro ano em que estivesse frequentando a sociedade. Aparecer por três anos seguidos na temporada social sem conseguir um casamento podia abrir espaço para fofocas – a noiva talvez não fosse virtuosa – e, com isso, suas possibilidades de fazer um casamento começavam a diminuir. Nessa perspectiva, quando surge a oportunidade de casar-se com Charles Bovary, o pai de Emma entende a necessidade e a instiga a aceitar. A jovem, já tomada pelo tédio da vida campesina, enche-se de esperanças pela possibilidade de finalmente se apaixonar e viver bem financeiramente – expectativa gerada pelo fato do pretendente ser um médico.

Não correspondendo ao esperado, Emma desaponta-se com o matrimônio e tem uma vida mergulhada na infelicidade e monotonia. Mesmo diante de tal situação, é impossibilitada de separar-se por ordem da lei, haja vista que apenas homens podiam pedir divórcio, caso provassem um ato de infidelidade da esposa. Ainda assim, cabe analisar que, embora separada, Emma não poderia ter sua liberdade: havia a coibição de sucesso à uma mulher no mercado de trabalho, o que anula sua independência, e uma grande possibilidade de seu pai não a aceitar de volta em casa, pela humilhação social que isto seria – além da improbabilidade de um novo casamento. Assim, nitidamente obrigada a conviver sob tais condições, enxerga no adultério uma maneira de tentar ser feliz e realizada, o que confere à Emma uma coragem tão imensa quanto a sua insatisfação.

Como não tem “voz”, seu corpo, beleza e persuasão eram as únicas formas de conseguir o que queria, servindo como uma moeda de troca. Ao se relacionar com Rodolphe, através de seu poder financeiro, Emma vê uma possibilidade de afastamento de sua vida com Charles. No entanto, Rodolphe a abandona, afirmando sua autonomia e o controle da situação; como mulher, é incapaz de fugir sozinha.

Da mesma forma que demonstra que a condição de dominação também pode recair sobre o homem ao delinear o personagem de Charles Bovary, Flaubert descontrói o preceito de que os homens não poderiam ser leitores impressionantes, através da construção do personagem Léon. Em sua relação com Emma, os amantes desvelam os mesmos desejos românticos, frustrações existências e ambições por coisas maiores e melhores. A diferença entre eles, no entanto, foi determinante para a concretização de seus desejos e destino: Léon era homem; Emma, mulher. O primeiro deteve e usufruiu de sua independência para mudar de

rumo; a segunda, jamais conseguiria, em vida, se libertar das correntes invisíveis que lhes foram postas ao nascer.

Assim, o veneno usado para o seu suicídio não é agente de malefícios. Pelo contrário, ele é a representação de um sonho realizado, a execução de um grande objetivo: a saída para as dores e os sofrimentos da alma (PINHEIRO-MARIZ, 2014, p. 63).

4. ANÁLISE PSICOLÓGICA

A insatisfação crônica de Emma perante a sua vida descreve perfeitamente o quadro do bovarismo, termo da psicologia originado da própria personagem, que é descrito, clinicamente, pela deformação do sentido da realidade, tendo o indivíduo uma autoimagem alterada, supervalorizada, onde se vê como uma pessoa dotada de atributos os quais não correspondem à realidade. As ambições inalcançáveis de sua posição fazem com que a personagem entre em um processo vegetativo, recusando-se a aceitar seu destino.

Emma estava presa em uma realidade inexorável criada pela sociedade, onde não tinha o controle de sua vida e cabia ao homem cuidar do destino feminino, como observado por Maria Rita Kehl:

Toda mulher em transição para a modernidade seria uma bovarista, empenhada pela via imaginária em “tornar-se uma outra” e, ao mesmo tempo, capturada por uma posição na trama simbólica de completa dependência em relação ao que o homem poderia desejar dela. (KEHL, 1998, p.313).

Outros elementos recorrentes podem ser observados através da impulsividade de Emma, que, ao longo do romance até sua decisão final, é completamente guiada pela emoção. Sua falta de racionalidade e prudência dão lugar a reações histéricas, caracterizando um quadro de “histeria conversiva” – conceito elaborado por Freud –, cujos sintomas de conversão não são meras expressões somáticas dos afetos, e sim representações muito específicas de pensamentos, que, depois de não realizados, encontram expressão plástica em alterações de funções físicas. Dentre os sintomas de histeria, pode-se citar: anestesia, parestesia, fraqueza e paralisia, os quais se assemelham a alguns dos problemas apresentados por Emma:



Empalidecia e tinha sobressaltos de coração [...]. Às vezes tagarelava com uma abundância febril; a estas exaltações sucediam torpores repentinos, em que permanecia sem falar e sem se mover. Para reanimar-se derramava então, nos braços, um frasco de água-de-colônia. [...]. Desde então, Emma começou a beber vinagre para emagrecer, adquiriu uma tossezinha seca e perdeu totalmente o apetite. (FLAUBERT, 1966, p.85).

Ademais, pode-se, ainda, fazer uma análise acerca da maternidade de Emma Bovary. Freud situa a maternidade como uma das saídas para a castração, baseada na noção de que a criança viria como o objeto capaz de reparar a falta do pênis (FARIAS, 2004, p. 16). Na obra, é inegável o desejo de Emma em dar à luz a uma criança do sexo masculino, reportando seus desejos ao seu desejado filho, haja vista que reconhece as configurações do feminino como meramente domésticas e sem possibilidades. Nesse contexto, é refletida uma vingança para com a sociedade, pois o filho homem, para Emma, poderia também ser considerado uma forma de protesto contra as imposições morais que havia sofrido por ser mulher (NOBRE, 2013, p. 68).

Porém, após o descobrir que dará à luz a uma menina, Emma desmaia e vê todas as suas expectativas se esvaindo. Pela infelicidade da sua filha, Berthe, a Sra. Bovary acaba por despejar na criança parte do seu ódio ressentido pela sociedade e pelas decepções de sua vida, ocasionando o distanciamento de Emma para com o universo materno. Ademais, de acordo com o contexto social que estava inserida, a maternidade significaria o fim da sensualidade, o que deixa Emma em uma posição ainda mais desfavorável a suas fantasias luxuriosas, fazendo-a observar este papel familiar como sendo o contrário de uma dádiva.

CONCLUSÕES

À vista da análise efetuada durante a pesquisa, foi possível interpretar as entrelinhas de *Madame Bovary*. O desvelamento das acusações impostas à Flaubert após a publicação de sua obra, permite a visualização dos seus ideais de caráter revolucionário, abordados em temas críticos aos aspectos da sociedade da época. O autor, em toda sua genialidade, criou uma anti-heroína, oposta ao que se esperava de uma mulher no século XIX, mas com um desejo por liberdade fundamental à emancipação feminina que viria a firmar-se posteriormente. Toda a



atrocidade da coragem de Emma na busca pelos seus sonhos e sua insatisfação eterna, acabam por gerar uma verossimilhança ao leitor – principalmente àquele tem contato com o romance na atualidade.

Aos olhos da época em que fora publicada a obra, Emma Bovary era vista como um ser monstruoso com voluptuosidade depravada, totalmente contrária aos ideais femininos. Entretanto, sob as perspectivas sociais do século XXI, é notório que a protagonista bate de frente com o falso moralismo e a hipocrisia burguesa e religiosa. Suas atitudes explanam a sociedade adocida e dissimulada.

REFERÊNCIAS

FARIAS, C. N. F.; LIMA, G. G. **A relação mãe criança: esboço de um percurso na teoria psicanalítica**. Estilos clin., São Paulo , v. 9, n. 16, p. 12-27. 2004.

FLAUBERT, G. **Madame Bovary**. Paris: Garnier-Flammarion, 1966.

KEHL, M. R. **Deslocamentos do feminino: A mulher freudiana na passagem para a modernidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

MICHILES, H.C. **Sombra e feminismo em Madame Bovary**. Aprovação no 2º semestre no Curso de Especialização em Psicologia Junguiana – Instituto Junguiano de São Paulo, Brasília. 2012.

MORAES, R.M.N. **A condição feminina no matrimônio, delineada pela ficção**. 212 f. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2009.

NOBRE, T. L. **Madame Bovary e histeria: algumas considerações psicanalíticas**. Contextos Clínic, São Leopoldo , v. 6, n. 1, p. 62-72, jun. 2013.

PINHEIRO-MARIZ, J; MARIZ, S. R. **A apaixonante Madame Bovary, de Gustave Flaubert ou o veneno como o voojo libertário de Emma**. Verbo de Minas, Juiz de Fora, v. 15, n. 25. p. 51-67, 2014.

RIPPON, M. R. **Judgment and justification in the nineteenth-century novel of adultery**. London: Greenwood Press, 2002.

WOLLSTONECRAFT, M. **A vindication of the rights of woman**. New York: Modern Library, 2000.